



A REFLEXÃO METALINGUÍSTICA NA POESIA DE ALICE RUIZ

Autor: Tainah Palmeira Rocha – *Universidade Federal de Campina Grande* –
tainah1palmeira@gmail.com

Orientador: José Hélder Pinheiro Alves- *Universidade Federal de Campina Grande* –
helder.pinalves@gmail.com

Resumo: A reflexão metalinguística, na poesia moderna, constitui-se numa temática constante. Através dela temos acesso ao modo como poetas e poetisas compreendem o fazer poético, revelam suas dificuldades de expressão, dialogam com a obras de outros escritores, dentre outros aspectos. Neste trabalho estudaremos, a partir da obra *Dois em Um*, de Alice Ruiz (2009), alguns poemas que revelam um caráter metalinguístico. Nosso objetivo é apontar o que há de peculiar nesse pensar o fazer poético da poetisa paraense. Tendo em vista que a maioria das pesquisas sobre metalinguagem na poesia quase não apontam a lírica feminina como objeto de estudo, nosso trabalho procura preencher essa lacuna. Teoricamente, nos apoiamos nas reflexões de Jakobson (1979), Chalhub (1987), Teles (1979) e Bosi (2000).

Palavras-chave: Metalinguagem, Alice Ruiz, Lírica feminina.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a presença da metalinguagem em cinco poemas selecionados da obra *Dois em Um* (2009) de Alice Ruiz S. O objetivo deste trabalho é apontar o que há de peculiar nesse pensar, nesse fazer poético da poetisa. Tendo em vista que a maioria das pesquisas sobre metalinguagem na poesia quase não apontam a lírica feminina como objeto de estudo, desse modo, procuraremos preencher essa lacuna. Para tanto, serão analisados os poemas do livro em que tal aspecto se faz presente.

Alice Ruiz S. nasceu em Curitiba, Paraná, no ano de 1946. É uma poetisa e compositora brasileira. Seu interesse pela literatura começou muito cedo. Com nove anos passou a escrever contos, e com dezesseis anos se dedicou também ao verso. Dez anos depois, publicou em revistas culturais e em jornais os seus primeiros poemas. Em 1980, Alice publicou seu primeiro livro, *Navalhanaliga*. Em seguida publicou: *Paixão Xama Paixão* (1983), *Pelos, Pêlos* (1984), *Hai-Tropikai* (1985), *Rimagens* (1985), *Nuvem Feliz* (1986) e *Vice-Versos* (1988).





Alice tem poemas traduzidos e publicados em antologias nos EUA, México, Argentina, Bélgica, Espanha e Irlanda. Já ganhou vários prêmios, entre eles: o Jabuti de Poesia, de 1989, pelo livro *Vice-Versos* e o Jabuti de Poesia, de 2009, pelo livro *Dois em Um*.

A obra *Dois em Um* reúne toda a poesia publicada por Alice Ruiz S. até a década de 1980, no qual, para a poesia brasileira, foi um período de superação exacerbado pela “poesia marginal” que surgiu com bastante força na década anterior. Na obra encontramos dos mais diversos temas, Alice escreve sobre tudo, das mais diversas formas possíveis, direta ou indiretamente. Há um movimento metalinguístico de se refletir sobre a própria função do poema, ou seja, a poesia é o meio, mas também se dá como a mensagem. A autora apresenta uma ideia de poesia concreta, contemporânea, com traços de haicai, convive com rimas carregadas de lirismo subjetividade e com certa melancolia. Em *Dois em Um* podemos observar nitidamente a síntese apresentada pela poetisa, que vai dos seus poemas mais antigos, os de *Até 79*, até os mais atuais.

Ao longo dos anos, o significado do termo Metalinguagem tem-se ampliado e hoje associa-se aos mais diversos tipos de linguagem, como por exemplo, a música, denominada metamúsica.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste trabalho, buscaremos ressaltar o conceito de metalinguagem, à partir das reflexões teóricas de Jakobson (1979), Chalhub (1987), Teles (1979) e Bosi (2000). O trabalho divide-se em quatro partes: 1) Introdução, na qual apresenta-se esse trabalho; 2) Fundamentos Teóricos, na qual abordaremos sobre as reflexões à cerca da metalinguagem à partir de estudos teóricos; 3) Análise de dados, onde apresentaremos como se deu a análise dos poemas à partir da perspectiva metalinguística e por fim a conclusão, onde buscaremos concluir a nossa reflexão.

De acordo com Roman Jakobson (2001) que enfatiza que uma distinção foi feita, na lógica moderna, entre dois níveis de linguagem: a chamada “linguagem-objeto”, a que fala de objetos, e a “metalinguagem”, a qual fala da linguagem [...] Praticamos a metalinguagem sem perceber. (JAKOBSON, 2001, p.127). Ou seja, a metalinguagem é o código em destaque, se refere ao próprio código e à própria linguagem.

O autor considera metalinguagem apenas “quando se fala sobre falar”, ou seja, quando uma pessoa conversa com outra a respeito do significado de certa palavra ou expressão. Já para Samira Chalhub e André Valente, metalinguagem é “uma linguagem que se refere a





VII ENLIJE

outra”, e a partir daí, pode-se substituir a palavra “linguagem” por qualquer mídia ou forma de expressão. (CHALHUB, 2001), ou seja, de um modo claro e direto, é a propriedade que a língua tem de voltar-se para si mesma (CAMARGO, 2002, p. 01).

Geraldi (1997) trata do conceito de atividades metalinguísticas, ao falar das ações que incidem sobre a linguagem ou procedem dela. Para o autor, as atividades metalinguísticas tomam a linguagem como objeto de observação, e não mais como reflexão acerca do processo de interação. Estas “conscientemente constroem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua” (p.25).

Outro exemplo prático de metalinguagem é os dicionários e as gramáticas. Em ambos, segundo Chalhuh (1988), “traduz-se em termo, utilizando-se o próprio código a que pertence esse termo (...) Traduzir de uma língua para outra é um trabalho metalinguístico”. Para a autora, ainda, “aprender uma língua é, sobretudo, operar metalinguisticamente” (p.28). Nesse sentido, “palavras que explicam palavras, cinema que fala de cinema (...) quadrinhos de quadrinhos, tudo isso constitui a Função Metalinguística” (VALENTE, 1999, p.95).

De acordo com Müller (1996), a função metalinguística se verifica quando há uma orientação predominante para o código - sistema de signos regido por leis próprias. A lógica moderna, segundo o linguista russo, já havia verificado a existência de dois níveis de linguagem: a linguagem objeto, que fala dos objetos, e a metalinguagem, que fala da linguagem. (MÜLLER, 1996, p. 14)

Já Teles (1979), em estudo voltado especificamente para a poesia brasileira afirma que:

a metalinguagem constitui um sistema linguístico que se liga a outro sistema – o da linguagem poética –, por sua vez ligado ao sistema da língua. A diferença entre os três sistemas é que o da literatura (o da poesia) se liga ao plano de expressão da língua e o da metalinguagem se liga ao seu plano de conteúdo. Tanto o da linguagem como o da metalinguagem fazem parte de um sistema potencial da língua, distinguindo-se porém perante o texto: a linguagem o cria; a metalinguagem o examina e recria.(TELES,1979, p.101)





ANÁLISE DE DADOS

Nessa seção, analisaremos cinco poemas do livro *Dois em Um* de Alice Ruiz (2009), à fim de observar, através da perspectiva da metalinguagem, o que há de peculiar no pensar e fazer poético da autora.

O primeiro poema a ser comentando é:

O corpo cede

- 1 o corpo cede
- 2 letras se sucedem
- 3 um verso doido aparece
- 4 morrem todas as sedes
- 5 movem-se pedaços de preces
- 6 sobe-se por onde se desce

(RUIZ, p. 17)

Fazendo uma análise interpretativa e detalhada, podemos perceber que o poema aborda sobre a renúncia de algo, para que outra coisa seja criada, nesse caso, um verso. Temos a imagem de um corpo que renuncia, isto é, abre mão de algo e em seguida “*letras se sucedem (2)*”, ou seja, após essa renúncia, letras aparecem depois para que o verso se concretize. O verso aparece como objeto de desejo, que nasce a partir da renúncia de um corpo, se contenta com as letras, na esperança de que apareçam como mágica “*um verso doido aparece (3)*”. E que depois dessa criação todas as coisas são sanadas. E para que o leitor compreenda, é necessário que por parte dele haja uma recepção criativa, ou seja, uma meta-leitura para compreender o poema. É preciso que se preencha as omissões, o que está nas entrelinhas, para poder receber a mensagem não dita e perceber o seu significado.

Neste poema, percebemos que a autora tem um modo peculiar de caracterizar o seu fazer poético quando ela diz “*letras se sucedem/ um verso doido aparece (2-3)*”, isto é, quando a autora se refere a “letras” e a “verso”, ela está caracterizando o seu fazer poético, ou seja, a sua poesia. Ou seja, o poema que mimetiza o processo de criação e, ao mesmo tempo, o lugar que ocupa para o sujeito lírico (“morrem todas as sedes”). Percebemos uma ideia de suplência.

No segundo poema entende:





VII ENLIJE

Letras

1 letras

2 se metem a palavras

3 querendo ser poesia

4 cigarras velhas

5 cantando

6 pela primeira vez

7 nada de novo

(RUIZ, p. 33)

Nesse poema percebemos que novamente a autora se refere a “letras” e a “palavras” como poesia. A poesia é vista como o canto das “cigarras velhas”, que ao cantarem pela primeira vez não, não cantam nada de novo, isto é, que apesar de “nada novo”, cada canto entoado pelas “velhas cigarras” pode dizer a mesma coisa, porém de maneiras diferentes. Ou seja, uma ideia de renovação eterna. E é essa diferenciação encontrada na forma de dizer aquilo que é já “conhecido”, como por exemplo, em relação a isso podemos pensar no arranjo, no ordenamento das palavras, etc, que faz com que esse “nada de novo” seja cantado pela primeira vez. E pensando na poesia, ou no fazer poético, também podemos encontrar essa comparação, que por mais que a poesia seja vista como “velha”, ela sempre pode se modificar, se reinventar e ser declamada mais uma vez, pela primeira vez.

No terceiro poema encontramos:

O tempo leva

1 o tempo leva

2 o poema

3 que o vento trouxe

4 por um momento

5 viver foi doce

(RUIZ, p. 78)

Neste poema, podemos perceber algo mais sentimental e pessoal. Os versos de Alice não passam incólume às dores da perda, mas a autora parece sanar suas dores através da natureza. Muitos dos seus poemas se remetem a esses elementos, mas especificamente, em seus haicais. A presença desses elementos no poema, como “o tempo” e “o vento”,





VII ENLIJE

demonstram o equilíbrio de um eu-lírico que está em harmonia com a natureza e que através desse universo ela encontra seu alento.

Como sabemos, Ruiz perdeu o filho muito cedo, e a perda do seu filho é um dos temas mais duros de sua obra. Ela transforma essa doída perda em poesia. Em relação ao poema, podemos dizer que “o que o tempo levou” pode se referir ao seu filho e que “o poema que o vento trouxe” pode se referir as coisas boas vividas com o filho. E que através dessas lembranças a vida foi mais feliz. Isto é, no poema, o tempo pode ser visto como um mensageiro, o tempo traz, mas também pode levar as reminiscências dos momentos felizes. Aqui, percebemos que o poema trata também sobre a efemeridade da vida, de lembranças e coleções de dias felizes.

No quarto poema encontramos

Primeiro verso do ano

1 **primeiro** verso do ano
2 é pra você
3 brisa que passa
4 deixando marca de brasa

(RUIZ, p. 83)

Na primeira e segunda estrofe percebemos que a poeta dedica o poema para alguém, nesse caso, ao seu marido na época, Paulo Leminski. Mais uma vez, percebemos no poema o uso de elementos da natureza, como a “brisa” e a “brasa”. Com isso, podemos perceber a proximidade que a autora tem com a natureza. Percebemos também um tom de solidão, que faz com que a autora tenha a percepção dos pequenos encantos invisíveis, como a brisa. Mas solidão esta que não se mostra como um estado de tristeza, mas sim de contemplação.

No quinto poema encontramos:

quero fazer um verso

1 **quero** fazer um verso
2 com todos os elementos
3 meus encantos
4 meus lamentos
5 que atravesse
6 ares e mares
7 e te alcance
8 e te arranque
9 de todos os pensamentos

(RUIZ, p. 108)





Neste poema podemos perceber o desejo que a autora tem em fazer versos, na verdade um único verso, com aquilo que mais se preza nela e com aquilo que ela despreza também, percebeu um desejo em fazer versos que atravessasse o mundo e que alcançasse alguém e tirassem de todos os pensamentos.

Com a análise desses poemas, podemos ressaltar que é marcante a presença da metalinguagem nos poemas, a autora apresenta um modo peculiar só dela para caracterizar o seu fazer poético. Para caracteriza-lo a autora utiliza de palavras como: “letras”, “versos”, “palavras”, “poema”, etc.

A lírica de Alice Ruiz S. tem um foco muito interessante que a torna bastante peculiar, que é a integração do eu-lírico com a natureza. Seus versos transmitem um contato íntimo com o vento, a brisa, a brasa. Portanto, a natureza é uma constante na poética da autora. Nesse fluxo de ideias, a poesia de Ruiz destaca a crise que vem sendo vivida por ela, como a perda do filho, as suas relações amorosas, a separação e dentre outras coisas vividas na época, ou seja, Ruiz advém de uma prática de leitura atrelada a uma necessária postura de contemplação emotiva.

A poesia de Ruiz, femininamente curta, simples, direta, ousada e potente, marca-se por um fortíssimo teor de expressão crítica, que declara a falência de um modelo-de-mulher que não cabe mais nos padrões de uma sociedade passada, mas que apresenta traços de um poesia apresentada pela contemporaneidade.

CONCLUSÃO

Desse modo, podemos concluir que através da metalinguagem, pensando no fazer poético da poetisa, podemos revelar uma concepção de poesia diferenciada, centrada no uso de um vocabulário específico, na proximidade com os elementos da natureza, ou seja, em uma poética que usa os mais diversos ingredientes (elementos da natureza, sentimentos, sensações, etc.) e que são elementos que caracterizam o seu fazer poético. Retomando a definição: "A metalinguagem, como traço que assinala a modernidade de um texto, e o desvendamento do mistério, mostrando o desempenho do emissor na sua luta com o código" (CHALHUB, 2001, p.47), podemos notar que o aspecto em questão foi utilizado em larga escala nos poemas selecionados.





VII ENLIJE

A autora escreve poema que fala de poema, ou seja, utiliza de poemas para revelar sobre o seu fazer poético, revelar sobre sua própria linguagem. E para que esse ato se concretize, a poetisa utiliza de elementos da natureza, isto é, o eu-lírico apresenta uma integração com a natureza, seus versos transmitem um contato íntimo com o vento, a brisa, a brasa. Ela apresenta um vocabulário peculiar, como: letras, palavras, versos, poemas... (Que caracteriza esse fazer poético, direto ou indiretamente, a poetisa está sempre refletindo sobre o fazer poético – suas inquietações, perplexidades, etc.).

Na obra foram encontrados vinte e quatro poemas de caráter metalinguístico, mas para este trabalho nos detemos apenas à cinco. Vale ressaltar que durante a pesquisa não foram encontrados estudos que tratam sobre essa questão.

Por fim, através da reflexão metalinguística se revela algo peculiar da experiência feminina, como: o desejo, a perda, o amor, a felicidade, etc... A poesia de Ruiz destaca a crise que vem sendo vivida por ela (ou quando, talvez esteja fazendo uma citação de um comentário bem antigo), coisas vividas na época e ela utiliza da metalinguagem para retratar isso.





VII ENLIJE

REFERÊNCIAS

CHALHUB, Samira. *A Metalinguagem*. São Paulo: Ática, 2001.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001.

MÜLLER, Adalberto Jr, *A Metalinguagem na poesia brasileira contemporânea*, Cerrados, Brasília, n° 5, 1996.

RUIZ S., Alice, *Dois em Um*, - [1ª reimp.] São Paulo: Iluminuras, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça, *A retórica do silêncio*, Cultrix/MEC, 1979.

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. 5 ed. Petrópolis: Vozes/ Leviatã Publicações, 1997;

Acessado em: https://www.ebiografia.com/alice_ruiz/, em 20 de agosto de 2018.

